

ÒÒGÙN: UM SABER ANCESTRAL NEGRO PARA O BEM-ESTAR

ÒÒGÙN: UN SABER ANCESTRAL NEGRO PARA EL BIENESTAR

Apresentação, volume 9, número 2

Hans Carrillo Guach - Ọláyínká¹

DOI: 10.26512/revistacalundu.v9i2.60911

Òògùn é o nome que em várias regiões da África e das suas diásporas é dado a um tipo específico de medicinas ou remédios que são produzidos por quem exerce o ofício de onixegun (*onísègùn*). Este ofício refere-se a quem pratica a cura de diferentes doenças e mal-estares, envolvendo plantas, rezas ou encantamentos, flores, raízes, cascas de árvores, animais, sementes, dentre de outros elementos naturais. Inclusive, estes podem ser usados até para envenenar, conforme registros da época colonial em que negros/as escravizados/as usavam *òògùn* para se libertarem das condições infra-humanas as quais estavam submetidos/as.

No entanto, esse tipo de cura não é somente praticado por onixegun. Em determinados momentos, esta prática também é exercida por sacerdotes e sacerdotisas na tradição afro conhecida como ifá, que se conhecem como *bàbáláwo* e *iyánífá*². Assim, as medicinas que derivam deste grupo de especialistas não se conhecem precisamente como

¹ Awó Òrúnmílá. Professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Faculdade de Ciências Sociais (FCS), em Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e em Antropologia (PPGAS). Diretor do Calundu – Instituto de Estudos sobre Religiões Afro-Latino-Americanas. Coordenador do IROKO – Rede de pesquisa afrorreligiosas (Brasil/UFG) e do Coletivo Afro Alásùwadà (UFG). E-mail: hanscarrillo@ufg.br

² Cabe destacar que em ocasiões pessoas comuns —não são onixegun ou praticantes de ifá—, podem estar fazendo *òògùns* sem saberem, pois, até um chá de determinadas ervas para curar dolências digestivas, por exemplo, pode ser considerado como tal.

òògùn, e sim como akoses, embora *bàbáláwo* e *ìyánifá* também possam preparar *òògùn*. A principal diferença está em que o primeiro tipo de medicina —akose— está sustentado em corpus literários de ifá e para a sua preparação se faz imprescindível o uso de certas marcas desta tradição. O segundo tipo —*òògùn*—, não envolve estas marcas de ifá, mas, entre ambas se mantém o uso comum tanto de elementos naturais —folhas, raízes, cascas de árvores, sementes, etc.—, quanto um dos princípios fundamentais para a realização e eficácia dessas. Trata-se do entendimento dos motivos das medicinas e da profunda compreensão dos seus fundamentos filosóficos, biológicos, botânicos, ritualísticos, sociais, dentre outros³.

Apesar dessas pequenas diferenças, ambas formas de medicinas —*òògùn* e akose— são amplamente reconhecidas e valorizadas tanto na África quanto nas suas diásporas: Brasil, Cuba, Porto Rico, Colômbia, etc. Durante séculos, têm constituído parte essencial das práticas de saúde e bem-estar em geral, desenvolvidas nas comunidades afro, marcadas geralmente pelo acesso restrito a sistemas de saúdes convencionais ou alopáticos, bem como por outras formas de exclusão social que igualmente têm impactado negativamente às suas experiências de vida.

A explorar algumas maneiras como o tipo concreto de medicina, conhecido como *òògùn*, está presente em diferentes contextos africanos e afrobrasileiros, dirige-se o presente dossiê, composto por artigos que tratam especificamente desta questão e por outros textos livres e de fluxo contínuo. Uma particularidade deste dossiê, é que a maioria dos artigos científicos que o compõem contribuem para desenvolver outras compreensões sobre os *òògùn*, abrindo espaços para futuras pesquisas. E isso se deve a que boa parte dos textos não exatamente descrevem o uso de *òògùn* produzindo transformações concretas. Mais bem, outras tipologias de vínculos e transformações são abordadas, deixando entrever nexos entre estas realidades e alguns dos principais fundamentos dos *òògùn*.

Como é de costume na nossa revista, o presente número abre com a seção de Artigos acadêmicos - dossiê temático. O primeiro texto, intitulado “DESAFIOS EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICOS NA BUSCA DE COMPREENSÃO DO

³ Agradeço aos *bàbáláwo* da família Sekunderin, liderada por Oloyè (Chief), Dr. Şolágbadé Pópólá, que me proporcionaram estes saberes sobre os *òògùn* e a prática de ifá em geral: José Rodríguez - Agboola (Puerto Rico), Enver Arbelaez - Olayemi (Venezuela), Pópólá Owomide Ifagbenusola (Nigéria).

SISTEMA SIMBÓLICO IORUBÁ”, oferece pertinentes considerações epistemológico-metodológicas para o estudo de mundos iorubás. Estas ponderações, a autora as sustenta na mobilização de algumas experiências de cura que deixam entrever relações com *òògùn* em contexto africano, entendendo este tipo de remédio como via para o apaziguamento de relações e equilíbrios entremundos que afetam o cotidiano.

Um segundo trabalho, intitulado “ENTRE FOLHAS, REZAS E SANGUE: O OOGUN IORUBÁ COMO EPISTEMOLOGIA DE CURA E RESISTÊNCIA”, adiciona elementos para uma compreensão mais ampla dos *òògùn*. O(a) seu(sua) autor(a) propõe compreender estas medicinas para além de uma expressão ritual e, portanto, simplificadora, para insistir em abraçá-las como um sistema complexo e dinâmico de produção de saberes e práticas que abrangem dimensões sociais, políticas, epistêmicas, espirituais, ecológicas, pedagógicas, de cura e bem-estar e culturais. Desta forma, *òògùn* se compreende como formas de saberes e práticas contracoloniais que operam para além do sagrado, atravessando experiências cotidianas individuais e coletivas.

Na sequência, o artigo “CHEIROS DE SOBREVIVÊNCIA: A RESILIÊNCIA DA HERANÇA OLFATIVA E GUSTATIVA IORUBÁ NO BRASIL”, contribui para este dossiê com um campo analítico que também constitui uma potência para futuros estudos e para pensar os *òògùn* como tecnologia medicinal, porém, desta vez, a partir do patrimônio olfativo e gustativo negro. Se bem é possível coincidir na compreensão de que os *òògùn* são uma junção de elementos naturais que se usam para potencializar e fazer circular o axé —força vital da transformação— visando cura e bem-estar, os sabores e cheiros de alimentos, plantas, etc., abordados neste trabalho, são interpretados enquanto um *doble-continuum*: como fontes e manifestação de heranças culturais iorubá e como transmissores de formas de cuidado, saúde e bem-estar.

O próximo texto, “GÊMEOS NATURAIS E GÊMEOS FERTILIZADOS IN VITRO: EM QUESTÃO A SACRALIDADE DE ÌBEJÌ NO DIÁLOGO DE ÒÒGUN COM A BIOMEDICINA”, coloca reflexões interessantes para pensar a relação entre procedimentos modernos para a reprodução assistida —Fertilização in vitro (FIV) ou a Inseminação Artificial (IA)— e os *òògùn* em tradições afrorreligiosas, na concepção de *Ìbejì*. Embora o texto sugira a importância de continuar aprofundando no tema —como outros também o fazem—, lança sugestões sobre como as técnicas de reprodução assistida, se bem podem aumentar as chances de concepção de gêmeos, a sacralização

destes enquanto *Ìbejì* e tudo o que isso implica, dependerá da harmonização entre os planos espirituais e materiais, a través da realização de rituais que podem incluir a preparação de *òògùn* em diferentes momentos: antes, durante e depois da gravidez. Assim, este texto dialoga com fundamentos essenciais da confecção de *òògùn*, como é a compreensão necessária sobre as conexões entre os mundos transcendentais e imanentes.

O dossiê temático finaliza com o trabalho intitulado “INDUMENTÁRIAS DOS ANCESTRAIS VENERÁVEIS IORUBÁS: ARTE E CURA TRANSGERACIONAL AFRICANA”, que analisa indumentárias ancestrais iorubas em templos/terreiros específicos, enquanto assentamentos. Com esta análise, o/a seu/sua autor/a tributa também a alguns princípios já descritos anteriormente sobre os fundamentos dos *òògùn*. Desta maneira, ditas vestimentas são concebidas como canais ancestrais para a cura e o apaziguamento existencial e psíquico.

Ainda no que se refere aos fundamentos de tais remédios ancestrais, é de notar o fato de os *òògùn* constituírem formas específicas e dinâmicas de apreender os mundos nas suas interações, para criar novas energias transformadoras de mal-estares, que não se aprisionam ou assemelham às energias individuais a partir das quais estas novas energias emergem. Justamente, este princípio dialoga com as reflexões apresentadas em “O TEMPO DOS ORIXÁS: META META COMO TRADUÇÃO DE TEMPORALIDADES CORPÓREAS DESOBEDIENTES”. Este texto, que conforma a seção de artigos acadêmicos - fluxo contínuo, questiona perspectivas fragmentadas de identidades e gêneros, abordando cosmologias dos orixás para enfatizar em outras ontologias sobre identidades fluidas, plurais, criativas e dissidentes que reafirmam múltiplas dimensões do ser-estar. Assim como os *òògùn* participam ativamente na complementação das energias necessárias para a manifestação de propósitos específicos, estas ontologias igualmente potencializam tais manifestações. A través desta abordagem, é possível entender que novas identidades também funcionam como uma espécie de *òògùn* da prática, do pensamento, dos afetos. No fim das contas, não existem ebós ou medicinas cujas eficácias transformativas não estejam, também, atravessadas pela agência humana.

O número finaliza com a seção de textos livres. Neste caso, destaca o poema NA MARGEM DA MARGEM. Seu autor, Cairo Guimaraes, traz um “grito” de emancipação e reexistência que, mesmo sem pretensão alguma de encaixar no tema do dossiê, constitui-se como uma espécie de *òògùn*, no sentido de valorizar o axé da palavra. Sua escrita, sua

palavra, suas experiências vividas, sentidas e conscientizadas, como dispositivos complexos para transformar os seus mal-estares atrelados a estruturas discriminatórias, em permanentes fluir, insurgências.

De forma geral, este lindo número é mais um esforço de pessoas comprometidas com a produção de conhecimentos e saberes a partir de lugares ancestrais historicamente desprezados pela ignorância colonial e racista, mas, onde o valor próprio jamais sucumbiu. Assim, esta edição exemplifica, novamente, a resiliência destas ancestralidades e suas potências para configurar os mundos contemporâneos, enquanto memórias vivas que oferecem outras seletividades de afetos, significados, práticas; enfim, formas de ser-estar. Desta maneira, poderia dizer que estamos diante de mais um campo analítico das tradições afrorreligiosas, instigante e comovedor, sobre o qual ainda existe muito do que falar, como bem apontado entre todos os textos.

Por tudo o apontado até aqui, o meu maior desejo é que tenham uma transformadora e prazerosa leitura.

Àșe ó!

Goiânia, GO, 16 de dezembro de 2025